

Camdessus para o

Dir. externa
por Paulo Sotero
de Washington

(Continuação da 1ª página)
Significativamente, esta é a primeira vez que a voz das nações endividadas pesa na escolha do diretor-gerente do FMI.

De acordo com a agência AP/Dow Jones, a posição de Ruding teria sido comprometida pelas críticas que ele fez ao Plano Baker, como são chamadas as propostas apresentadas no ano passado pelo secretário do Tesouro dos EUA, James Baker II, para o problema dívida. Essas críticas, afirma a agência, teriam custado a Ruding o apoio dos EUA. Na realidade, não há nenhuma indicação de que Washington esteja pendendo para um ou outro candidato, ou especialmente contra qualquer deles. Ruding, como a maioria das autoridades econômicas européias, de fato fez críticas públicas à política fiscal dos EUA.

Mas, segundo Andre de Lattre, "o governo americano procurou manter durante todo o processo uma posição de absoluta neutra-

lidade, deixando a escolha totalmente aos europeus".

As sondagens até agora realizadas sugerem que existe, de fato, mais espaço para Camdessus do que para Ruding. A Alemanha, que inicialmente tentou barrar o candidato francês, adotou uma atitude diplomática de silêncio. O governo canadense, outra voz importante no processo, passou a pender para Camdessus. Fontes bem informadas acreditam que os americanos, bem como os japoneses, que também ficaram neutros, não se pronunciarão na consulta informal a ser realizada na próxima quinta-feira, da qual emergirá o nome do sucessor de de Larosière, limitando-se a ratificá-lo, na votação formal. Neste cenário, ganha Camdessus. A atitude dos países mais ricos é guiada por uma forte preocupação de limitar os danos que o demorado e inconclusivo processo de escolha do diretor do FMI, conduzido pela CEE, possa ter causado à autoridade do posto, já desgastada pela crise da dívida.

Camdessus para o FMI

por Paulo Sotero
de Washington

Depois de uma longa e acirrada disputa, o governador do Banco da França, Michel Camdessus, começa a despontar como o favorito para suceder a seu conterrâneo Jacques de Larosière no comando do Fundo Monetário Internacional (FMI). A seleção do novo diretor-gerente do FMI deverá ser decidida na próxima quinta-feira, numa reunião da diretoria da instituição.

Como decano da diretoria, o diretor executivo para o Brasil, Alexandre Kafka, presidirá a reunião. Kafka submeterá à consideração dos diretores da instituição os nomes de Camdessus e do ministro das Finanças da Holanda, H. Onno Ruding. Segundo fonte familiarizada com o processo de escolha, haverá, primeiro, uma consulta informal, da qual emergirá o nome do vencedor. Este será, em seguida, ratificado numa votação formal, por consenso.

A escolha final ficou para o "board" do FMI diante da incapacidade da Comunidade Européia, encarregada da seleção, de chegar a um candidato consensual. No início da disputa, Ruding esteve na dianteira. Na primeira reunião dos ministros de Finanças da Comunidade Econômica Européia (CEE) em que o assunto foi discutido, em outubro, o representante da Alemanha, Gerhard Stoltenberg, chegou a afirmar que seu governo não

apoiaria a entrega do Fundo novamente a um francês, pois os franceses dominaram o posto durante 18 dos últimos 23 anos. Além disso, nesta primeira reunião, os italianos, prevendo um impasse entre Camdessus e Ruding e interessados em deixar a porta aberta para eventualmente apresentar a candidatura do vice-governador do Banco D'Italia, Lamberto Dini, deixaram de apoiar Camdessus.

A persistência da França levou, contudo, os italianos a mudar de ideia e formou-se então o bloco latino de apoio a Camdessus, que vai da Bélgica a Portugal. O candidato francês tinha também o apoio dos três maiores países devedores, o Brasil, o México e a Argentina. Segundo André de Lattre, diretor em fim de mandato do Instituto de Finanças Internacionais, um centro de estudos mantido por grandes bancos de vários países, em Washington, "a posição dos países devedores influuiu de forma decisiva a favor de Camdessus".

(Continua na página 13)